

# A Poética Filosófica de Fernando Pessoa

**Publicado em:**

Periódico Héstia  
Curitiba, V.2, N.1, 2018  
pgs. 129 – 154  
[www.periodicohestia.org](http://www.periodicohestia.org)

## A Poética Filosófica de Fernando Pessoa

Heteronímia, paganismo e a problemática do sentir x pensar

**Publicado em:**

Periódico Héstia  
Curitiba, V.2, N.1, 2018  
pgs. 129 – 154  
www.periodicohestia.org

Michele Regina Bora<sup>1</sup>

*"Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos."*

Clarice Lispector, em *As águas do mar*.

### Considerações iniciais

Neste ensaio, pretendo analisar alguns elementos da poética pessoana, como a heteronímia e o paganismo, em vista de uma problematização sobre o tema “sentir *versus* pensar”. A partir disso, defendo que a poética pessoana se estabelece como filosófica na medida em que exprime e de certo modo reflete a respeito das consequências do pensamento moderno sobre a existência. Julgo pertinente mostrar que o poeta construiu uma obra que deve ser compreendida para além da mera apreciação de sua poética, transpondo os limites tradicionais da filosofia, pois em seu cerne encontramos a seguinte questão: *o que é a existência humana senão uma luta entre sensação e pensamento?* Assim, a obra pessoana institui o que chamo de “poética filosófica”, porque nada mais é do que a arte de se expressar como existente num mundo e, ao mesmo tempo, de especular a seu respeito, sem que uma ação anule a outra. Pessoa foi um criador de heterônimos<sup>2</sup> e não é por acaso que esta é a característica do poeta que mais suscita curiosidade e estudos. A partir de textos encontrados em sua *Obras em Prosa*, mostro que a heteronímia foi, antes de tudo, uma espécie de condição natural em

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: miregina@live.com.

<sup>2</sup> Heterônimos são personalidades criadas como independentes do criador (o ortônimo), por isso possuem suas próprias ideias, estilos e biografias.

Pessoa e que somente em sua maturidade viria a ser a base de uma estética literária/filosófica que desemboca no paganismo do ortônimo e dos heterônimos<sup>3</sup>. Em vista disso e da leitura de alguns comentadores, considero que a heteronímia, bem como o projeto pagão, foi, em Pessoa, uma resposta à história do pensamento e à sua época, principalmente no que diz respeito à inteligência (produto do pensamento), à sensação – e a como elas se originam.

É preciso mostrar que o pensamento de Pessoa se relaciona fortemente com a filosofia pagã – em especial, com o neoplatonismo. Os principais heterônimos, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, António Mora e Bernardo Soares, faziam, cada um a seu modo, parte do ideário pagão. Todavia, o neopaganismo de Pessoa e de seus heterônimos seria a aceitação da impossibilidade de se resgatar o paganismo (e as peculiaridades neoplatônicas) de modo completo. Tanto para vivê-lo como para teorizá-lo foi preciso trabalhar em uma reinterpretação - daí a heteronímia representar, ao mesmo tempo, a maneira de sentir o mundo como plural (modo pagão) e de conhecê-lo assim em um mundo cristianizado e moderno. Portanto, em primeiro lugar, tematizo como a heteronímia se deu em Pessoa e de como ela faz parte do ideário pagão. Em seguida, discuto o neopaganismo pessoano, suas afinidades neoplatônicas e o modo como o paganismo se apresenta em dois de seus heterônimos: Alberto Caeiro, o mestre, e seu continuador filosófico, António Mora. Por fim, procuro mostrar que no âmago da poética pessoana está a

---

<sup>3</sup> Os heterônimos mais conhecidos de Pessoa são Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares e António Mora. Todavia, conforme algumas pesquisas, o número total de heterônimos do poeta, que nunca parou de criar, é de 136. Esta pesquisa aparece na obra *Fernando Pessoa: eu sou uma antologia – 136 autores fictícios*, uma antologia dos textos heteronímicos organizada por Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari (2013).

problematização do sentir *versus* pensar e que, como apresentada, ela representa o início da superação do pensamento moderno através da arte (exteriorização de emoções e pensamentos): único modo de transgredir a racionalização conceitual-abstrata.

### **Heteronímia: a arte de ser muitos e o projeto pagão**

Fernando Pessoa sustentava que os heterônimos emergiam de dentro de si, sendo ele, na individualidade, diferentes do que Pessoa mesmo era. Afirmou na carta *A gênese dos heterônimos* que desde criança tinha a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, mas que, diferente da imaginação infantil, não atribuía vida a bonecos, antes, concebia intensamente as realidades humanas como se fossem gente (PESSOA, 1976, p. 92). Pessoa escreve a Adolfo Casais Monteiro: "tive sempre, desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro de suas almas" (PESSOA, 1976, p. 92). Adiante, ele continua: "além disto, esta tendência não passou com a infância, desenvolveu-se na adolescência, radicou-se com o crescimento dela, tornou-se finalmente a forma natural do meu espírito" (Ibid.). A partir disso, podemos verificar que a criação de personalidades não foi apenas parte de um projeto artístico ou filosófico, mas foi *parte* do poeta. A heteronímia era uma questão *pessoal* (que por vezes foi objeto de investigação do próprio poeta). Desse modo, é digno que também a investiguemos.

Como e por que uma pessoa pôde, quis ou precisou ser tantas outras? Um dos modos de levar a cabo essa investigação é através do estudo da poética pessoana, já que o assunto faz parte de

sua obra - mais especificamente, dos trabalhos surgidos entre 1914 e 1917, quando os principais heterônimos nasceram e quando as teorias neopagãs apareceram.

Para que se entenda o paganismo do poeta como um elemento filosófico de sua poética heteronímica, é preciso começar pelo que ele diz sobre ele mesmo: “eu sou um pagão decadente, do tempo do outono da Beleza, do sonolecer (?) da limpidez antiga, místico intelectual da raça triste dos neoplatônicos de Alexandria.” (PESSOA, 1976, p. 169). Pessoa é um pagão decadente porque defendia o sincretismo religioso, tal como o neoplatônico Juliano Apóstata, imperador na época da expansão do Cristianismo. Assim, em consonância com o neoplatonismo, Pessoa tem um modo de pensar bastante concreto e, constantemente, enaltece as sensações – isso num mundo dominado pelo império da razão, principal herança do cristianismo. Na *Apresentação dos heterônimos* (Ibid., p. 83), Pessoa diz que Alberto Caeiro teve um continuador filosófico e dois discípulos. O continuador filosófico foi António Mora, quem ainda tinha um ou mais livros a escrever – e, neles, provaria completamente a verdade, metafísica e prática do paganismo. E os discípulos eram Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Caeiro era, portanto, considerado um mestre, principalmente porque vivia o paganismo mesmo numa época decadente, em que o pensamento abstrato predominava.

Tais considerações (feitas pelo próprio poeta) mostram algo bastante importante: as heteronímias faziam parte da natureza de Pessoa e, ao mesmo tempo, ele se dava a investigá-las e entendê-las, de modo a se colocar como objeto de sua própria reflexão. Em outras palavras, a poética de Pessoa era, sem dúvida, um exercício de *auto reflexão*. Esse modo de atuar, tanto existencial como

esteticamente, ganha subsídios na teoria pagã que foi desenvolvida ao longo de sua obra. Ao falar sobre as sensações e a inteligência numa perspectiva pagã – e ao expressar o paganismo no próprio modo como constituiu a sua arte –, Pessoa se mostra como um paradigma dentro de um mundo cristianizado e abstrato. O resultado disso é bastante simples e interessante: os seus heterônimos vivenciam paganicamente um mundo não pagão. Por isso, a investigação da poética filosófica pessoana também trata de discutir a inteligência e a sensação tal como inseridas no pensamento moderno ou, melhor, na época do poeta. Enfim, a heteronímia, em Pessoa, consiste numa problematização acerca do pensar e do sentir – o que orienta uma discussão acerca de como a inteligência pode pensar as sensações sem menosprezá-las e fundamenta a existência e a realidade dos próprios heterônimos.

Fernando Pessoa, no entanto, não se considerava um filósofo. Ele mesmo diz: “era eu um poeta estimulado pela filosofia e não um filósofo com faculdades poéticas. Gostava de admirar a beleza das coisas, descobrir no imperceptível, através do diminuto, a alma poética do universo” (PESSOA, 1976, p. 36). Mas nem por isso podemos deixar de considerar a sua obra poética como um exercício filosófico. A filosofia em Pessoa acontece em um sentido originário. Isso quer dizer que, no poeta, a sensação (ou a vivência, ou a sensibilidade) é o que importava, e não o conceito. Assim, mais do que uma cadeia abstrata de conhecimento, Pessoa se preocupava apenas com a abertura da existência em vista à Natureza – e não seria justamente essa a origem da filosofia ou do pensar filosófico? Às sensações do (ou sobre o) mundo, Pessoa deu visibilidade particular, isto é, vida própria, de modo que elas só podiam ser vistas como pertencentes a um mesmo conjunto quando pensadas num mundo não mais pagão, distante (ou separado) das próprias

sensações. Mas como tudo isso começou? Quando que a filosofia pagã se perdeu?

A filosofia pagã se perdeu aos poucos: inicialmente com o cristianismo e, depois, com a modernidade. O primeiro subverteu a relação dos seres humanos com a divindade, apartando-os do mundo; e o segundo deu prevalência ao pensamento abstrato em detrimento das sensações. O paganismo de Pessoa ele mesmo retoma a religiosidade pagã reinterpretando o cristianismo e propõe um projeto pagão, valendo-se da sua condição natural de criar heterônimos. Nesse projeto, duas figuras são exemplares: os já citados Alberto Caeiro e António Mora. O primeiro, cansado da abstração, transforma todos os seus pensamentos em sensações; o segundo, por sua vez, influenciado pelo mestre, sugere a retomada da tradição grega para que a realidade volte a ser conhecida como plural. E assim, com a sensação e a inteligência, tal como eram entendidas na antiguidade pagã, Pessoa desenvolve o que pode ser uma das teorias sobre sua heteronímia<sup>4</sup>, de modo que, não apenas as sensações são colocadas em evidência, mas também um caminho de como adequá-las à inteligência: buscando entender o fundamento da existência não como uma unidade abstrata, mas como pluralidade.

## **Fernando Pessoa, neopaganismo e neoplatonismo**

Pessoa foi um grande crítico do cristianismo, pois acreditava que este havia subvertido algumas ideias das escolas neoplatônicas e convertido os seus fundamentos em dogmas, ao invés de mantê-los

---

<sup>4</sup> É importante considerar que Pessoa também dava explicações psicológicas à heteronímia, porque, como já dito, ela não foi somente um fenômeno teórico. Não obstante, a heteronímia foi sim usada, em determinada época da vida do poeta, para sustentar o seu modo pagão de pensar e fazer arte.

como caminhos de pensamento. Para o poeta, essa subversão teria sido tão intensa, que alterou o modo como os homens se relacionam com o mundo: eles passaram a se ver como figuras à parte, separadas da existência – e, por conseguinte, da divindade. A inteligência, então, mesmo que responsável pelo afastamento do homem e da divindade, ironicamente passa a ser considerada o modo de se chegar a Deus – o que, na verdade, contribuiu apenas para a desvalorização dos sentidos e, como consequência imediata, um afastamento ainda maior do divino. Sobre o seu paganismo, Pessoa afirma que crê “como os neoplatônicos, no Intermediário Intelectual, *Logos* na linguagem dos filósofos, Cristo (depois) na mitologia cristã” (PESSOA, 1976, p. 169).

No neoplatonismo, iniciado com Plotino, a realidade é dividida em hipóstases, a primeira é o Uno, a segunda, a Inteligência e a terceira, a Alma. O Uno não é como Deus, ou os deuses, pois é anterior a tudo, como o Nada. A Inteligência é o intermediário entre esses princípios e a alma, por sua vez, é o que anima os corpos. A alma pertence ao mundo da Inteligência, mas o deixa por necessitar da natureza corpórea para viver. Corpo e alma não são separados porque um necessita do outro – e é a alma que permite as sensações nos corpos. A encarnação da alma não é voluntária ou involuntária, pois cada hipóstase segue um curso natural, seu Destino: a processão, ou seja, a geração de algo posterior a si. Diz Plotino que “a inteligência, que é anterior ao mundo, tem também seu destino, o qual consiste em permanecer no mundo inteligível, enviando, desde ele, sua luz e seus raios em conformidade com uma lei universal” (PLOTINO, *Enéadas*, IV, p. 2). Como a inteligência não sai do mundo inteligível, não é ela que concorda com a vida no mundo, e sim a alma e, por conseguinte, o corpo que ela anima com os sentidos. Plotino sustenta que “a reflexão e a inteligência nada tem

que ver com o corpo”. (PLOTINO, *Enéadas*, IV, p. 169).

No paganismo de Pessoa, Cristo é o Intermediário pelo qual a realidade humana se comunica com a realidade divina, ou seja, a representação simbólica pela qual a Realidade passou do Caos e da Noite (Destino) para os deuses (PESSOA, 1976, p. 549). Simboliza a Inteligência que é, em si, incompreensível, mas que permitiu o acesso à divindade, pois, como diz Pessoa, “Cristo é um mito na sua própria realidade”, porque é o mito da própria divindade encarnada e, assim, “é real na proporção em que é mito” (Ibid). A diferença entre os deuses e Cristo é que aqueles, embora sejam superiores, são reais e carnis e existem, enquanto que Cristo (que também é chamado de “*logos*” pelos filósofos) é substancialmente simbólico. Pessoa o considera o próprio inteligível, de modo que não pode ser inteligido. Em suas palavras: “a razão só sobe até aos deuses porque os deuses são racionais, não sobe até o *Logos*, porque ali não há razão” (Ibid). Para Pessoa, não há como compreendermos Cristo, pois, por pertencer à outra realidade, nem os próprios deuses o entendem. Conforme o escritor, “ver, ouvir, cheirar, gostar, palpar – são os únicos mandamentos da lei de Deus. Os sentidos são divinos porque são a nossa relação com o Universo, e a nossa relação com o Universo Deus” (Ibid., 1976, p. 37). Seguindo a interpretação neoplatônica, a alma participa do inteligível enquanto pensa, mas não o acessa porque o corpo impede. Assim, as sensações são a única relação com a divindade.

Pessoa sustenta que, “mais do que, propriamente, o dos neoplatônicos”, é seu o “paganismo sincrético de Julião Apóstata (PESSOA, 1976, p. 169). O imperador Juliano (ou Julião), o Apóstata, foi aluno da escola neoplatônica fundada por Jâmblico. Assim como seu mestre, acreditava que o conhecimento de Deus se

dava “na natureza do homem e não por aprendizagem” (JULIANO, p. 212). O paganismo sincrético de Juliano consistia em aceitar todas as crenças como verdadeiras, diante da pretensão do cristianismo de destruir o ecletismo e a teofania da crença pagã. Ele afirmava: “em efeito, sem aprendizagem, todos nós, em absoluto, cremos em uma espécie de divindade acerca da qual nem é fácil que todos a conheçam com exatidão, nem é possível que, os que a conhecem, comuniquem-na a todos” (Ibid). Assim, também para Pessoa, está a cargo de todo neopagão aceitar as metafísicas (que, segundo ele, são modos de sentir as coisas) que despertam o sentimento religioso como aceitáveis, tal como o pagão que aceitava todos os deuses.

Diante disso, percebe-se a diferença entre a religiosidade pagã e a cristã, o que reflete diretamente no modo como a inteligência e a sensação são entendidas e/ou vividas. Para os neoplatônicos a relação do homem com o mundo – e com os deuses – se dava através da alma, e, por esta viver em um corpo, só lhe cabia os sentidos, e não o conhecimento do inteligível. Quando o Cristianismo colocou que somente pelas faculdades intelectuais se chega a Deus, porque os sentidos são “mundanos”, obstruiu o caminho do homem à divindade. Pessoa interpretou Cristo como o Intermediário entre o Caos e os deuses, isto é, como aquele que possibilitou *o conhecimento da divindade* e não *a própria divindade*, sendo ele mesmo incognoscível (não há como conhecer a própria possibilidade do conhecimento, o *logos*). Em vista disso, o poeta, em certo sentido, aceitava o cristianismo, mas como o fez Juliano Apóstata, ou seja, como mais um modo de sentir o divino, dado que não podemos aprender a conhecê-lo, como quer o cristão. Enfim, entre os pagãos a inteligência excede a capacidade humana, pois ela pertence à outra realidade, outra ordem, anterior e mais perfeita; por

isso, o mais próximo dos seres humanos era a sensação – e o divino estava naquilo que se podia ver e ouvir.

## **O paganismo de António Mora e Alberto Caeiro**

O que Pessoa ele mesmo não disse sobre o paganismo o fez Mora: o heterônimo que mais contribuiu para a teoria pagã – ou neopagã. Em síntese, sua obra prioriza o reencontro entre o paganismo e a tradição grega, especialmente no que diz respeito à religiosidade pluralística. Ou seja, Mora defende seu paganismo tal como ele era vivido pelas sociedades primitivas: pela religiosidade que lhes era intrínseca. Em seu texto *Paganismo, a mais natural das religiões*, escreve que a religião é uma necessidade da humanidade para que consiga se organizar. O heterônimo usou de vários recursos teóricos para uma reconciliação entre o pensamento pagão e sua época, mas reconheceu que não bastava tentar resgatar o paganismo do passado, era preciso, em princípio, que a essência do mesmo habitasse sua época. Em vista disso, afirmou que, para o verdadeiro fenômeno do regresso ao paganismo, necessário era “surgir uma sensibilidade pagã”. (PESSOA, 1976, p. 201)

Mora foi o continuador filosófico de Alberto Caeiro, pois especulou sobre a poesia deste e sobre a forma como ela poderia ser praticada pela sociedade. Caeiro abdicou de todo e qualquer tipo de pensamento, ficando só com a concretude das sensações, com a realidade imediata – e não a pensada. Afirmava que "as coisas não têm significação: têm existência" (PESSOA, 2015, p. 78). Por isso, por sua simplicidade, todos os heterônimos (inclusive o ortônimo) consideravam-no mestre. Quando criança, Caeiro viveu na cidade e lá completou a educação escolar primária. Ele conheceu a civilização, as máquinas, a ciência, o caos da modernidade, mas

escolheu a vida no campo como a melhor. Assim, institui o que seus discípulos chamaram de paganismo absoluto (ou objetividade). Outro de seus discípulos, Ricardo Reis, afirma que

Caeiro, no seu objetivismo total, ou, antes, na sua tendência constante para um objetivismo total, é frequentemente mais grego que os próprios gregos. Duvido que grego algum escrevesse aquela frase culminante

*A Natureza é partes sem um todo*

onde o objetivismo total vai até a sua conclusão fatal e última, a negação de um Todo, que a experiência dos sentidos não autoriza sem a intromissão, para o caso externa, do pensamento. (PESSOA, 1976, p. 111)

Conforme Paulo Borges, “uma das mais importantes fontes de considerável dimensão da obra pessoana reside na experiência de haver algo no sujeito anterior quer à constituição do mundo e à sua presença nele, quer ao que tradicionalmente se apresenta como o seu princípio absoluto, Deus” (BORGES, 2006, p.71). Portanto, “Natureza”, para Caeiro, é “o que sempre existiu”, anterior ao próprio pensar, anterior à humanidade e a Deus, por isso não há necessidade de buscar seu sentido. A Natureza simplesmente acontece, e, se for divina, é por esse *acontecer* – e não pelos seus atributos. Ela é a instância onde somente há Existências, e não significações; por essa razão ela é anterior ao pensamento – a característica que distingue o ser humano do animal, instituindo a humanidade. Na poesia de Caeiro, percebe-se que com o termo “Natureza” ele se refere às árvores, flores, frutos, sol, vento e afins. O que não é um equívoco, pois isso tudo já estava aí antes que qualquer ser humano pudesse pensar em inventar, ou manipular, ou conhecer alguma coisa<sup>5</sup>. Ele chega até mesmo a afirmar que não

---

<sup>5</sup> Isso nada tem a ver com os conceitos de passado, presente ou futuro, que Caeiro nega, mas sim com os processos intrínsecos à natureza – que só as sensações

sabe o que é a Natureza, apenas canta-a, isto porque os “processos naturais”, como o nascer, o germinar, o verdecer, o morrer, etc. não podem ser estagnados em palavras, nomes, signos, entre outras formas de acomodar o pensamento. Por ser Caeiro, como ele mesmo escolheu, um humilde camponês, e não um teórico, a Natureza, para ele, é tudo o que acontece independentemente do homem, que existe ou deixa de existir quer ele queira ou não. Para Caeiro, o essencial é *saber ver sem pensar*, porque pensar é não compreender que a natureza existe por si só, é colocar sentidos íntimos, utilidades, modificações é, enfim, deixar de ver que as coisas existem para ver só pensamentos.

Conforme Vaz, a modernidade, em síntese, compreende o domínio da vida pensada: ela “se constitui como estrutura de um universo simbólico quando a Razão, no seu uso teórico explícito ou formalizado (*logos* demonstrativo), emerge definitivamente como

---

podem conhecer de modo autêntico. Esses processos, cada vez aparecem ou acontecem; são fenômenos que não podem ser recolhidos em definições que digam o que foram, o que são ou o que serão, isso só é pertinente a um pensamento que almeja um conhecimento para além da existência. No entanto, quando digo que a Natureza estava aí antes que qualquer ser humano interferisse, é porque Caeiro reconhece que o ser humano, por causa da sua atividade de pensar, não consegue apreender a existência, e assim procura sentidos íntimos para ela. Por isso, Caeiro é radical e busca por instância anterior ao pensamento, ou seja, as sensações e pratica a total abdicação do pensamento e não propõe uma nova forma de pensar. O "antes" aqui significa somente algo que precede o pensar. Para Caeiro, conhecer uma coisa é sempre vê-la pela primeira vez, pois é só a sensação que conhece verdadeiramente e nela, como é exterior, nada é estancado, mas sempre desvelado. Devido a sua radicalidade, somos levados a crer que Caeiro está levantando uma teoria do pensamento, mas na verdade o que ele busca é somente uma vivência do mundo e não um entendimento a seu respeito; por isso, ele sempre irá afirmar que o exterior é que é real e, assim, não admitir algo como o interior. Isso pode ser uma contradição somente se encararmos os poemas de Caeiro de outro modo que não seja o de que ele está tentando desaprender a pensar.

instância reguladora do sistema simbólico da sociedade, fenômeno que teve lugar originariamente na Grécia do século IV a. C” (VAZ, 2002 p.13). Por sustentar a única forma de paganismo que poderia haver – depois da instituição da razão como reguladora do conhecimento – é que Caeiro se faz mais grego que os próprios gregos, pois foram esses que, através da ação intelectual, iniciaram a busca pelo sentido do que lhes aparecia. Por isso, o poeta sustenta uma objetividade absoluta, que não suporta nem mesmo o misticismo, porque os deuses são também abstrações humanas para explicar fenômenos; Caeiro não quer explicações, porque elas nunca correspondem à realidade, assim, não admite nada que não seja experimentado exclusivamente pelas sensações – daí não admitir algo como “o todo da Natureza”, que, rigorosamente, não emerge senão como um conceito ou, antes, como um salto do pensamento para fora da natureza mesma, de modo a subordiná-la a si. Ora, é o nosso pensamento que estabelece relações e unidade onde há pluralidade. Com a instituição tanto do cristianismo quanto da modernidade, o pensamento deixou de ser concreto, ou seja, deixou de perceber a Natureza e passou a entender pensamentos.

Como seguidor de seu mestre, e preocupado com a mentalidade de sua época, Mora sustenta que “a religião que mais próxima esteja da Natureza é que pode agir sobre os homens de modo que não se desviem das leis que regem a vida humana” (PESSOA, 1976, p. 174). Para ele, é facilmente demonstrável que a religião pagã é a mais natural de todas. Para isso, apresenta três razões. Primeiramente, a pluralidade da natureza está em correspondência com o politeísmo da religião pagã. Como continuador de Caeiro, para Mora, a natureza não surge como um conjunto, mas como “muitas coisas”. Ele sustenta que “o fato de referirmos todas as nossas sensações à nossa consciência individual

é que impõe uma unificação falsa (experimentalmente falsa) à pluralidade com que as cousas nos aparecem” (Ibid, p.175). Ainda, segundo Mora, a religião está conectada à exterioridade, porque ela é a compreensão dos fenômenos do mundo, da pluralidade, e não da interioridade (individual). Logo, a pluralidade de deuses é a primeira característica de uma religião natural. Em segundo lugar, a religiosidade pagã é humana, pois nela a divindade não é anti-humana. Isto quer dizer que os deuses não rejeitam a humanidade, somente a excedem, como super-humanos. Por fim, a religião pagã é política, ou seja, uma parte da cidade, ou Estado, que não busca impor-se diante de outros povos, mas de receber ou aprender com eles, pois sua moral era limitada ao seu povo – e além dele ela não se sustentava.

De acordo com a história, o dogmatismo cristão ganha poder com o imperador Teodósio, em 391, embora a intolerância contra os não adeptos do cristianismo tenha tido início em 312, com Constantino (CORBIN, 2009, p.56-7). Isso é importante porque mostra que as crenças cristãs, num determinado momento, foram impostas – enquanto que as demais foram rejeitadas como heréticas. No início, o cristianismo disputava o lugar com os gnósticos, que defendiam uma doutrina revestida de elementos de mais de uma religião, com o objetivo de se adaptar ao contexto cultural, mas o gnosticismo foi banido pela Igreja Católica, que difundiu seu poder com a ajuda da crença em um único Deus criador. A história do Cristianismo é longa e complexa: muito do que foi considerado certo ou errado sofreu mudança com o tempo, o que refletiu no comportamento dos homens e, assim, na organização da sociedade, principalmente porque os cristãos se tornaram maioria. Não obstante, os seres humanos nunca deixaram de formular suas próprias crenças: a variedade de religiões nunca

morreu; o problema foi uma única religião, dogmática, com alto poder político, ter se tornado majoritária, menosprezando o que torna o humano em humano: a capacidade de criar seus próprios deuses – que são explicações que nascem da sensibilidade direta das coisas.

Mora notou que, devido à mentalidade que se instalara desde a modernidade, o paganismo poderia renascer, pois o espírito da objetividade parecia se manifestar nos trabalhos da ciência. Entretanto, seria difícil de acontecer, pois, embora a objetividade da ciência fosse louvável, ela ainda estava muito afastada da objetividade pagã: um olhar simples sobre a realidade. A partir do século XVII, a concepção de mundo deixa de ser a de uma ordem fixa, com hierarquias de perfeição, e passa a ser a de um Universo Infinito. Assim, para que o conhecimento fosse possível, o mundo começou a depender de um novo conceito de ordem, de um método. O conhecer não deveria mais se dar através dos sentidos, por não serem precisos. Os seres humanos, então considerados como uma junção de matéria e pensamento, obtêm conhecimento pelo pensamento, que fornece uma representação do real, ou seja, os pensamentos tornaram-se ponto de partida para a observação da realidade. Isto quer dizer que, na representação, o conhecimento do mundo acontece no homem com o seu pensamento, e não no homem com o mundo. Desde então o conhecimento se estabelece cada vez mais a partir de teorias que têm como fundamento conceitos abstratos, como sentido, causa, verdade, etc. O que não pertence àquilo que existe, mas somente ao pensamento. Mesmo Auguste Comte (1798-1857), o positivista, viu que a ciência não daria conta de orientar a sociedade e quis erguer uma nova religião, porém, segundo Mora, ela não bastava porque era intelectualizada demais – e a religiosidade nasce dos sentidos e da emoção.

## A poética filosófica: Heteronímia, inteligência e sensação na modernidade

Não se pode pensar a heteronímia como um empreendimento exclusivo da vontade de restaurar o pensamento pagão, mas deve-se considerar que no período de atuação dos principais heterônimos (1914-1917) o que estava em questão, para Pessoa, era também de ordem cultural e social. Osakabe sustenta que “a heteronímia foi uma tentativa de resposta que Pessoa formulou ao que o século XIX havia acumulado em matéria de declínio e depressão” (OSAKABE, 2013, p. 111). A época decadente, já havia falado Nietzsche, em que a soberba razão quer colocar medida em tudo, mas não consegue, porque não pode dotar de exatidão algo que é guiado pelas paixões: a vida. O pensamento de Pessoa, ante séculos de cristianismo e a emergência da modernidade científica, consistiu em resgatar o sentido originário da relação do ser humano com a sua existência: a sensação de viver, a transcrição da humanidade de e para a sua época. Os heterônimos de Pessoa (e ele mesmo), no fundo, queriam responder a seguinte questão: *o que é o ser humano senão uma luta entre sensação e pensamento?* Por isso, Pessoa vai buscar nos antigos, quando a vida ainda não estava enfraquecida pelo cristianismo ou desumanizada pelo cientificismo racionalista, o que de fato significa *sentir e pensar*.

Nos antigos não havia lugar para a subjetividade ou, melhor, o pensamento encarnado em um sujeito, em um “eu”, porque, ao contrário do que havia sido instaurado pelo pensamento cristão, para o ser humano (e deuses), não há senão a submissão às leis do universo (e talvez até essas leis sejam os próprios deuses). Na época do neoplatonismo decadente, a noção do Deus cristão estava

entrando em conflito com o Uno neoplatônico: Deus anularia o *Fatum*, as leis do universo (a ação do mundo sobre o homem, independente de sua vontade) colocando em seu lugar o livre-arbítrio, a possibilidade de escolha e a necessidade de libertação. Pessoa percebe que o Cristo é o *Logos* (Inteligência), porque nada mais é que a vontade de salvação, de não haver *Fatum* (e aí está o *impossível* para o humano). O que o Cristianismo deu à humanidade foi a subversão do pensamento objetivo pela inserção da crença na libertação do sofrimento – libertação essa que pode ser alcançada com a recusa das coisas “mundanas”, recusa do mundo da vida humana. Por isso a religiosidade pagã era a via necessária para a superação da decadência: ela caracterizaria o regresso da objetividade – em consonância com a expressividade das emoções.

Mora entendeu que a religião tem grande importância quando se trata do modo de conhecer a realidade. Quanto à ciência, ocupando o lugar do Deus sumamente bom, mesmo reacendendo o espírito da objetividade pagã, o heterônimo lhe nota a falta do aspecto humano, a falta de falar aos sentidos e à emoção. Deus foi descentralizado pela Razão, a sensação que nasce da relação do homem com seu mundo ficou, mais uma vez, de lado. Mesmo o aspecto estético religioso do paganismo, que era o guia da arquitetura urbana e social da antiguidade, que era a expressão da ordem, do arranjo, da vida, mesmo esse aspecto perdeu valor: o aspecto em que o paganismo pode ser visto – e era – como arte. Mora afirma que “o fim da arte é imitar perfeitamente a Natureza”, ou seja, aquilo que é exterior e independente de individualidade, mas “este princípio é justo, se não esquecermos que imitar a Natureza não quer dizer copiá-la, mas sim imitar os seus processos” (PESSOA, 1976, p. 231). Como bom discípulo de Caeiro, Mora não esquece que tudo na Natureza está *acontecendo* independente de um

raciocínio humano e de sua subjetividade. Caeiro seria a personificação da única salvação eficiente que o ser humano poderia ter contra o caos que se instalara na época da moral e da razão decadente. A Natureza que o poeta camponês cantava era a utopia do próprio Pessoa e seus heterônimos, cuja vontade era a de não pensar e nem sequer sentir como quem se emociona, de resumir a vida a um ver que não requer mais que a pura visão, de resgatar ou, melhor, se inserir em uma espécie de contemplação, onde não há sujeito/objeto ou homem/Deus.

Mas o elemento pagão que constitui a heteronímia: o de apreender as coisas como exteriores e, por isso, plurais, está inserido em uma época não pagã. É essa ideia que, em toda sua profundidade, fundamenta e dá realidade aos heterônimos. Pessoa foi um poeta do modernismo, o ponto crucial de sua obra não foi o de notar que no pensamento pagão as sensações não eram desconstruídas em favor da razão, mas o de repensar isso em sua época. Como já posto, o sentir tornou-se o oposto do pensar, e isso se reflete no modo de se expressar pensamentos e emoções. Nesse sentido, Pessoa afirma que “quem quisesse resumir numa palavra a característica principal da arte moderna encontrá-la-ia, perfeitamente, na palavra ‘sonho’”, pois, na modernidade, apareceu “a diferenciação entre o pensamento e a acção, entre a ideia do esforço e o ideal, e o próprio esforço e a realização” (PESSOA, 1966, p. 156). Para o poeta,

O mundo humano era pequeno e simples. Era-o todo o mundo até à época moderna. Não havia a complexidade de poder a que chamamos a democracia, não havia a intensidade de vida que devemos àquilo a que chamamos o industrialismo, nem havia a dispersão da vida, o alargamento da realidade que as descobertas deram e resulta no imperialismo. Hoje o mundo exterior humano é desta

complexidade tripla e horrorosa. Logo no limiar do sonho surge o inevitável pensamento da impossibilidade. (A própria ignorância medieval era uma força de sonho). Hoje tudo tem o como e o porquê científico e exacto. (Ibid.)

O modo de superação da decadência pelo paganismo, em Pessoa, não foi de ordem política, religiosa ou estritamente filosófica, mas poética<sup>6</sup>. E a única arte autenticamente possível na sua época era a “arte de sonho”: a que exprime certa interioridade, pois o exterior é complexo e horroroso. Por isso, diz Pessoa, “é perfeitamente lógico que um artista pregue a Decadência em sua arte” (PESSOA, 1976, p. 435). O homem, assentado definitivamente entre os domínios do pensar e do sentir, ainda tem por base a sensação como sua única realidade, mas também tem em si a impossibilidade de deixar de pensá-las. Mora já havia distinguido a “realidade” (num sentido *lato*) em duas categorias: a Consciência e a Realidade, “uma é com que 'percebe' o mundo exterior; outra é esse próprio mundo exterior” (Ibid, p. 527). Para dar conta do modo de se expressar inserido nessa dicotomia, Pessoa cria o que chamou de “Sensacionismo”: *a realização da arte como consciência das sensações*. Nesse sentido, a razão subsistiria, para Pessoa, enquanto consciência, como organizadora das sensações na obra artística. Isso significa que a arte, na concepção pessoana, se realiza no saber que sentimos. Ele diz que “a única realidade da vida é a sensação. A única realidade em arte é a consciência da sensação” (Ibid, p. 428). Assim, o princípio do Sensacionismo era, necessariamente, a sensação – mas apenas enquanto artística (ou expressa), o que só

---

<sup>6</sup> Segue-se a definição de poética de Luigi Pareyson: “A poética é programa de arte, declarado num manifesto, numa retórica ou mesmo implícito no próprio exercício da atividade artística; ela traduz em termos normativos e operativos um determinado gosto, que, por sua vez, é toda espiritualidade de uma pessoa ou de uma época projetada no campo da arte” (PAREYSON, 1989, p.21).

pode acontecer após a sua intelectualização.

O processo de intelectualização segue dois processos sucessivos: a consciência da sensação e, em seguida, a consciência dessa consciência. “Depois de uma sensação ser concebida como tal – o que dá a emoção artística – essa sensação passa a ser concebida como intelectualizada, o que dá o poder dela ser expressa” (Ibid, p. 448). Nesse momento a sensação é uma ideia (abstrata), visto que não é nem uma sensação pura (exterior) e nem só consciência da sensação (interior). A ideia é a única que pode ser expressa na arte porque, para a sua expressão, necessita de um trabalho mental; a sensação do exterior não comporta explicação, a do interior é individual e não pode ser compreendida a não ser por quem a sente. A sensação é, portanto, inexprimível. Pessoa sustenta que, “as ideias são sensações, mas de coisas não colocadas no espaço e, por vezes, nem mesmo no tempo” (Ibid, p. 441). A ideia é o objeto de expressão da arte, ela é o que resulta do *saber que se sabe que sente*. A arte é, portanto, a criação de ideias/sensações, ou seja, é a criação de uma realidade totalmente diferente, porque as ideias não existem na realidade propriamente dita (a esta compete somente as sensações puras, não exprimíveis). O Sensacionismo tem, assim, como única disciplina “sentir tudo de todas as maneiras” (Ibid, 428).

A principal condição da arte, para Pessoa, é que cada ideia seja expressa de modo distinto da outra; pois, como já visto, as sensações são plurais: sente-se as coisas de maneiras diferentes – de modo que as ideias devem também ser plurais. Nesse sentido, não cabe ao artista crer ou descrever, ter ou não opinião: no momento em que escreve, acredita ou não, na medida em que é capaz de criar a consciência da consciência da sensação. Ele não pode ter ideias assentes porque assim não faz arte, pois, como dito, as ideias são

também plurais; o artista, para que seja artista, não pode ser “alguém”, porque, ao se expressar, ele não o faz com algo que existe na realidade, mas com o esforço mental de expressar a sensação. Essa expressão, por ser artística, é uma criação, e, como toda criação é exterior (objeto), ela deve corresponder aos critérios da Natureza, isto é, o artista “deve criar um objeto que possa ser uma sensação para outros”, diz o poeta (PESSOA, 1976, p. 434). É digno de nota que Pessoa considera “a literatura como a única verdadeira arte” (Ibid, p. 430) porque somente nela a inteligência pode agir verdadeiramente sobre a sensibilidade de modo dinâmico, fazendo dela a criação/expressão de diversas sensações. Ele afirma: “um poema é um ente vivo” (Ibid, p. 434).

Assim, a heteronímia em Pessoa se dá através da consciência da consciência das sensações do mundo. Tendo como mestre o poeta que não queria pensar, mas impossibilitado de alcançar sua sabedoria, o ortônimo coloca nesse modo de fazer arte – a única linguagem em que não se pode erguer os muros dos conceitos ou do cientificismo, por ter sua origem naquilo que se sente (a única realidade) – o fundamento de seu pensamento. Cada heterônimo é fruto de um estado de alma (oriundo de uma sensação do exterior) transformado em ideia – cujo fim é ser colocado novamente no exterior. Todos eles, portanto, são como entes vivos capazes de provocar uma sensação diferente da que a originou – porque era assim que a primariedade da sensação persistia diante da soberania da razão: criando tantas sensações quanto possíveis.

Desse modo, a heteronímia, além de fundamentar a obra pessoana, é também uma resposta à época do autor, a qual ele jamais deixou de analisar.

Reconhecendo-se como filho da decadência, Pessoa dizia:

(...) cada um de nós nasceu doente de toda esta complexidade. Em cada alma giram os volantes de todas as fábricas do mundo, em cada alma passam todos os comboios do globo, todas as grandes avenidas de todas as grandes cidades acabam em cada uma de nossas almas. Todas as questões sociais, todas as perturbações políticas, por pouco que com elas nos preocupemos, entram em nosso organismo psíquico, no ar que respiramos psiquicamente passam para o nosso sangue espiritual, passam a ser, inquietamente, nossas como qualquer coisa que seja nossa. (Ibid., p. 437)

A heteronímia pessoana se justifica enquanto artística na medida em que é a exteriorização da complexidade humana já existente entre o *sentir* e o *pensar*, mas ampliada pela valorização da rapidez da produção, no dogmatismo e no cientificismo. Enquanto filosófica, assenta-se, em todos os sentidos, na especulação em torno do ser humano, seu pensar e seu sentir e as condições sob as quais ambos se encontram. De acordo com Perrone-Moysés, “o que é original em Pessoa, e radicalmente moderno, é a experiência de certo ‘sujeito vazio’, que não se beneficia mais do conforto logocêntrico, nem se ilude mais com a falsa unidade ‘profunda’ da pessoa psicológica” (2001, p.96). Assim, é lícito que o que se quer saber sobre a poética pessoana seja também buscado em seus escritos autobiográficos:

Havendo-me acostumado a não ter crenças nem opiniões, no receio de que meu sentimento estético pudesse ser enfraquecido, em breve passei a não ter personalidade expressiva, passei a ser uma mera máquina de exprimir estados de espírito tão intensos que se transformaram em personalidades e tornaram minha própria alma a simples casca de sua aparência casual. (PESSOA, 1976, p. 446)

Pessoa tornou-se, em si, indefinível – daí o interesse não apenas no que ele constituiu como obra, mas também como

existente. Enquanto muitos buscam pela definição de “si mesmo”, Pessoa foi muitos: uma afronta à racionalidade; enquanto a maioria busca por uma crença ou opinião que imediatamente pode ser abalada, o poeta ficou em conformidade com a incerteza que a época lhe impunha. Na tentativa de síntese do que seria Fernando Pessoa, é válida a afirmação de Moisés: “vício de pensar. E pensar a emoção, sempre. Mas o dinamismo é levado a tal extremo que o poeta esquece de sentir, ou, pelo menos, de sentir pura e simplesmente”. Aqui se confirma, de fato, o poeta-pensador: movido pela dicotomia pensar / sentir – que se encontra no cerne da humanidade e a resume em si mesmo, pois “quando lhe ocorre sentir, toma consciência de que está pensando em sentir, e, portanto, deixou de sentir. Assim, na tensão entre emoção e pensamento, o segundo elemento acaba sufocando o primeiro. Daí para o poeta surpreender-se à beira de abismos interiores, nada faltou” (MOISÉS, 1998, p. 23). Uma das características mais marcantes de Pessoa é a de não conseguir render-se à emoção destituída de pensamento. Ele *viveu* o problema da *sensação pensada*, embora ela fosse o objeto de suas críticas, ou seja, a problematização do que significa *sentir e pensar* foi, acima de tudo, *sentida na pele*<sup>7</sup>. O poeta certa vez disse a uma pobre ceifeira: *o que em mim sente está pensando*<sup>8</sup>.

## Considerações finais

Em suma, para analisar a poética de Pessoa como filosófica foi preciso entender seus pontos fundamentais, que são a

---

<sup>7</sup> Pessoa disse várias vezes que não sabia mais sentir, pois não sabia se estava sentindo ou pensando que sentia.

<sup>8</sup> Ver poema "Ela canta pobre ceifeira". Disponível em: <http://multipessoa.net/labirinto/fernando-pessoa/9>. Acesso em 04/02/2018.

heteronímia, a inteligência e a sensação (desde a perspectiva pagã) dos heterônimos e do ortônimo. A inteligência, no paganismo, diferentemente do cristianismo (e a sua “missão” unificadora), não denigre as sensações, mas as evidencia. Pessoa desde cedo não se limitava à forma “coerente” de ser, ou seja, a sua forma única (unificada). Cada heterônimo é uma forma de ver e de viver o mundo, ou, ainda, de sentir. A coerência de Pessoa está em conciliar sua disposição natural com o modo de pensamento antigo, o qual não colocava a inteligência como independente das sensações e o conceito antes da experiência. Assim, na heteronímia de Pessoa, a inteligência e a sensação não estão dissociadas, mas fundamentam uma a outra na medida em que conservam as várias formas de sentir em uma teorização sobre o mundo e o pensamento.

Considerando a história, o poeta quis se analisar em sua própria época. Por isso, quando critica o cristianismo, também o reinterpreta – em seu tempo. Ele assim se insere na modernidade para superá-la, desenvolvendo o seu próprio paganismo (fundado e fundamentado por e como heteronímia). Pessoa, enquanto poeta insatisfeito com o seu mundo, dá vida a personalidades que, a princípio, são diferentes da sua para conseguir expressar o seu pensamento sem recorrer a sistematizações; fez isso de forma ao mesmo tempo racional e sentimental – por isso nunca se afirmou “filósofo”: para ele, a filosofia prescinde do fato de que é impossível pensar o mundo sem senti-lo. Assim, fez-se artista.

Enfim, ao discutir a poética filosófica pessoana, concluo que em Pessoa pensar e sentir, embora problematizados, estão unidos e fundamentados em um modo de proceder existencial, o qual é coerente com a crítica e insatisfação ante o pensamento de época. O modo de pensar que predomina desde o Cristianismo – e que se

estende pela modernidade – é o da representação, da soberania da razão, da confusão sobre o que não é racional (os sentidos) e, por conseguinte, do conceito. Pessoa sabia que nada cabia em definições exatas, principalmente o ser humano – este, em particular, ao tornar-se sujeito do conhecimento, perdera-se de sua única realidade: as sensações puras. A racionalidade, ao tomar o lugar do sentir, quis explicar tudo o que existe, desvendar os mistérios, e assim também quis o poeta, mas ele sabia que era uma busca vã – e isso foi o mote de toda sua poesia. Aí está a heteronímia, e também por isso é tão difícil estudá-la e determiná-la: ela não teve um início racional – e talvez não tenha tido nem um fim. A heteronímia, em sua dimensão pessoana (tanto quando o *sentido* da existência), permanece, no fundo, uma incógnita – e talvez assim que deva ser. Pessoa dizia: “odeio o início e o fim das coisas, porque são pontos definidos” (PESSOA, 1976, p. 39).

## Referências

**BORGES, PAULO.** Arte, Metafísica e Mitologia. Lisboa, CEEA/CFUL, 2006, pp. 171-183. **COMTE, Auguste.** Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo ; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista / Auguste Comte; seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos (Os Pensadores) — São Paulo: Abril Cultural, 1978.

**CORBIN, Alain (org).** História do Cristianismo: Para compreender melhor nosso tempo. Alain Corbin, Nicole Lemaitre, Françoise Thelamon, Catherine Vicent. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

**JULIANO.** Discursos (selección), Contra los Galileos. Traducción y notas José García Blanco y Pílar Jiménez Gazapo. Los Clásicos de Grecia y Roma – Planeta De Agostini. Biblioteca Clásica Gredos (1979-1982).

**MOISÉS, Massaud.** Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

**NIETZSCHE, F.** A Vontade de Poder. Tradução e notas de Marcos Pereira Fernandes e Francisco J. Dias de Moraes; apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

**PAREYSON, Luigi.** Os problemas da estética. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

**PERRONE-MOYSÉS, Leila.** Fernando Pessoa: Aquém do eu, além do outro. 3 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**PESSOA, Fernando.** Obras em Prosa. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1976.

\_\_\_\_\_. Tábua Bibliográfica. Revista Presença, nº 17. Coimbra: Dez. 1928 (ed. facsimil. Lisboa: Contexto, 1993). Disponível em: <http://multipessoa.net/labirinto/obra-publica/25>. Acesso: 23/09/2017.

\_\_\_\_\_. Poemas de Alberto Caeiro. Obra Poética II. Organização, introdução e notas Jane Tutikian. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

\_\_\_\_\_. Páginas de Estética e de Teoria Literárias. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966.

**PLOTINO.** Enéada IV. Tradução de Jesús Igal. Versão digital: Biblioteca Clásica Gredos, s/d.

**OSAKABE, Haquira.** Fernando Pessoa: Resposta à decadência. São Paulo: Iluminuras, 2013.

**VAZ, Henrique C. de Lima.** Raízes da Modernidade. Escritos de Filosofia VII. São Paulo: Edições Loyola, 2002.